

# Enfermagem: Identidade e Representações num Contexto em Mudança

– A Perspectiva de dois grupos de alunos

Maria Helena Pimentel \*



Sendo a filosofia de enfermagem uma filosofia humanista, interrogamo-nos em que medida a Escola poderá contribuir para a renovação das suas representações e da sua identidade profissional. É, sem dúvida, a necessidade de melhor compreender o fenómeno de formar para um desempenho profissional autónomo e gratificante que sustenta este trabalho. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de ordem quantitativa/qualitativa, realizado em três Escolas Superiores de Enfermagem em dois grupos, um de 91 alunos do 1º ano (a iniciarem o curso) e outro de 82 alunos do 3º ano (a finalizarem o mesmo curso).

Os resultados obtidos permitem-nos constatar que a questão da identidade profissional continua a ser uma questão problemática e ambígua, donde ressalta a dificuldade em identificar a prática de cuidados como independente e como tal com poder e reconhecimento social. Trabalhar em complementaridade com os vários elementos da equipa de saúde é, para os inquiridos, o aspecto mais importante da prestação de cuidados, constituindo um requisito essencial para ser autónomo e criativo.

## Introdução

A enfermagem tem assumido ao longo de várias décadas uma posição instável, face à avaliação que a sociedade faz dela. Analisar a identidade profissional da enfermagem significa rever toda a história social, compreender a influência do meio e identificar os conflitos intra e inter profissionais.

A emergência da enfermagem, enquanto grupo socioprofissional, está intimamente ligada à expansão do sistema hospitalar ocorrida a partir do século XIX, assim como às transformações técnicas e sociais que estiveram na origem dessa expansão (DAVIES, citado por LOPES, 1994). Verificou-se nesta altura uma reorganização do modo da

produção de cuidados, quer através do aumento da complexidade técnica dos cuidados de saúde, decorrentes da institucionalização da moderna medicina, quer ainda pelo aumento da complexidade administrativa e pela burocratização organizacional do sistema hospitalar. Isso veio exigir à enfermagem competências e responsabilidades para as quais esta ainda não se encontrava preparada, pois os cuidados de enfermagem eram prestados por “religiosas” ou por pessoal “não diferenciado” que, até essa altura, assegurava as prestações não médicas. Foi precisamente neste contexto técnico e organizacional que se desencadeou a “reforma” de Florence Nightingale, da qual resultou uma reelaboração da natureza dos cuidados de enfermagem, concretizada na sua progressiva dissociação do trabalho doméstico a que estivera associado. Esta demarcação irá

\* Enfermeira Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, Mestre em Ciências de Enfermagem, Professora Adjunta na Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

constituir uma referência fundamental no sentido da construção de uma identidade como grupo sócio-profissional.

Assim, compreender as concepções que acompanham o desenvolvimento das práticas profissionais dos enfermeiros, implica identificar quais as concepções profissionais subjacentes à construção da identidade profissional, não só no que diz respeito à aquisição e desenvolvimento de valores, mas também à aquisição de conhecimentos teóricos e práticos.

A educação é precisamente uma das áreas chave que MARTIN (1991) identifica como via para a construção da identidade profissional da profissão. A mesma autora, estabelece o paralelismo existente entre a situação de cuidar e a situação pedagógica.

CANÁRIO (1997), referindo-se às importantes mudanças que ocorrem no campo da saúde, descreve a formação como um instrumento essencial, quer para fazer face a mudanças que decorrem da própria inércia social, quer para produzir e gerir mudanças deliberadas. Assim, procura-se através da formação compreender a influência do percurso escolar na concepção do que é a enfermagem, entendida esta como um processo dinâmico de construção e assimilação de situações novas, ou seja, um processo de adequação permanente capaz de responder a novos desafios, tendo em conta a riqueza da tradição, mas também as solicitações de um mundo em mudança.

Em Portugal, o Ensino de Enfermagem tem vindo a sofrer nos últimos anos significativas alterações, assinaladas, por um lado, pela progressiva reformulação dos planos curriculares, através do alargamento da componente teórica da formação, da introdução de novos campos disciplinares da área das Ciências sociais, da crescente ênfase atribuída à preparação profissional na promoção da saúde e à própria filosofia do ser Enfermeiro e, por outro lado, pelo aperfeiçoamento progressivo do funcionamento das Escolas. Aos alunos, gradualmente, passou a ser exigida melhor preparação académica e os docentes têm vindo a desenvolver esforços no sentido de adquirirem melhor preparação científico/pedagógica.

Porém, o “papel” do enfermeiro está ainda rodeado de controvérsias. CANÁRIO (1997), tomando como referência trabalhos desenvolvidos no âmbito da enfermagem, assinala a “ineficácia” da formação inicial, fenómeno que, na opinião do mesmo autor, é comum à formação inicial de outros grupos profissionais, como é o caso dos professores. As razões deste fenómeno prendem-se com o desajustamento entre o que foi “ensinado” e “treinado” na formação inicial e as práticas profissionais observáveis. Isto acontece porque a prática profissional é encarada como um momento de aplicação caracterizada pela previsibilidade. Ora o que está em causa é, justamente, a descontinuidade entre a situação de formação e a situação de trabalho, “o que faz apelo à distinção clara entre a noção de qualificação e a noção de competência” (CANÁRIO, 1997: 138).

Assim, é fundamental promover a actividade cognitiva, desenvolver a capacidade de resolução de problemas de modo flexível e criativo; os estudantes têm sobretudo, de sair dos cursos com a convicção da necessidade de aprender ao longo de toda a sua carreira.

Nesta perspectiva e para uma melhor compreensão da realidade actual no contexto da formação em enfermagem realizámos o presente estudo orientado pelos seguintes objectivos:

- Identificar as representações sociais sobre a profissão, dos alunos que fizeram a sua opção pelo Curso Superior de Enfermagem;
- Identificar em que medida essas representações sofreram alterações com o decorrer do curso;
- Analisar algumas convicções e valores que guiam o ensino.

## Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de ordem qualitativa/quantitativa centrado na formação dos enfermeiros. Tem como questão central ou questão de partida: *Como é que os*

*estudantes de enfermagem perspectivam a sua prática futura como enfermeiros, quer quando iniciam o curso, quer no fim do percurso de formação?*

Outras questões:

- Que representações têm da enfermagem os nossos jovens alunos?
- Que factores contribuíram para tais representações?
- Qual o impacto do curso na construção dessas representações?
- Estarão as escolas de enfermagem preparadas para formar alunos autónomos responsáveis e independentes?

É na tentativa de encontrar resposta para estas questões que o estudo é desenvolvido.

A POPULAÇÃO objecto de estudo é constituída por alunos do CSE de três Escolas Superiores de Enfermagem do Interior Norte do País, a quem foi aplicado um questionário.

Um aspecto central dos objectivos deste estudo prende-se com o interesse em verificar possíveis diferenças, nas concepções acerca da profissão, entre os alunos recém chegados à Escola e aqueles que se encontram a finalizar o curso. Assim, a AMOSTRA inclui a totalidade dos alunos do 1º ano/1º semestre, e os do 3º ano/2º semestre, sendo excluídos os restantes.

Optar pelo estudo longitudinal tornar-se-ia impraticável, pelo tempo que seria necessário para a sua realização. Neste sentido, e dado existirem grupos de alunos em diferentes momentos do processo ensino-aprendizagem, optámos por seleccionar, de acordo com GHIGLIONE e MATALON (1993), uma "amostra temporal". Efectuou-se a recolha de dados aos alunos do 1º ano o mais próximo possível da sua entrada nas referidas escolas (primeiros dois meses); a recolha de dados aos alunos do 3º ano efectuou-se, o mais próximo possível do término do seu curso (últimos três meses). O tamanho da amostra é de 91 alunos do 1º Ano e 82 alunos do 3º Ano.

## Resultados

É possível constatar que é elevado o valor percentual dos alunos que fizeram do curso de enfermagem a sua primeira escolha (Gráfico 1), assumindo esse valor uma enorme expressividade no grupo do 1º ano (mais de três quartos dos alunos, 83,52%).

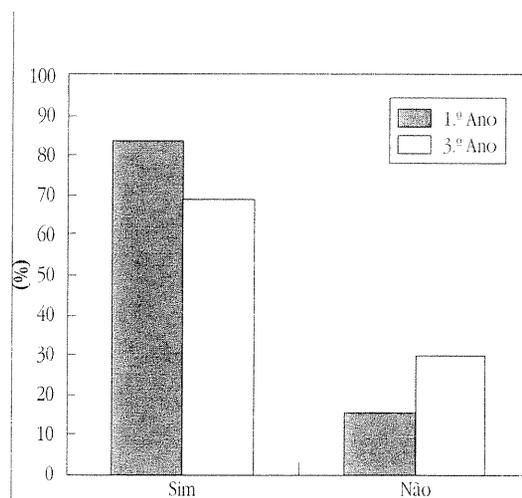


Gráfico 1 – Enfermagem como opção de 1ª escolha.

Do reduzido número de alunos (16,48% do 1º ano e 30,49% do 3º ano) que declararam não ter sido o curso de enfermagem a sua primeira escolha, o curso de medicina surge como o mais pretendido, em ambos os grupos.

As baixas notas de acesso ao Ensino Superior foram, por sua vez, as razões mais apontadas, como impeditivas da não entrada nos cursos desejados.

Em relação aos motivos que levaram à escolha do curso, as opiniões expressas pelos dois grupos de informantes convergem no número de respostas e na elevada valorização, para dois aspectos fulcrais: o gosto de ajudar pessoas que sofrem (76,92% no 1º ano e 79,27% no 3º) e a motivação pessoal pela profissão (67,02% no 1º ano e 79,74% no 3º ano).

No pensar e fazer enfermagem, há aspectos que são mais ou menos valorizados conforme a

representação que cada um tem da natureza da profissão. Neste sentido, confrontámos os nossos inquiridos com a seguinte questão: *O que é para si a enfermagem?*

Tendo por base o enquadramento teórico do estudo, os nossos conhecimentos e vivências pessoais, construiu-se um conjunto de indicadores (19) sob a forma de afirmações, face aos quais era pedido aos alunos para se situarem numa escala tipo Lickert, de cinco níveis (1 - discordo totalmente a 5 - concordo totalmente).

Para conseguirmos fazer uma análise mais relevante dos dados, optámos por agrupar as afirmações em grupos temáticos. Emergem, assim, cinco grupos com diferentes análises temáticas: *Concepção psicossocial* – este grupo inclui os indicadores que salientam a dimensão humana e relacional da profissão; *Concepção técnico/prática* – neste grupo consideramos as afirmações que revelam a importância que os alunos atribuem à vertente prática centrada essencialmente na técnica, sendo os cuidados de enfermagem sobretudo cuidados orientados e determinados pela doença; *Concepção histórica* – as respostas deste grupo permitem analisar as opiniões dos alunos sobre concepções enraizadas socialmente e que marcadamente têm acompanhado a imagem social da profissão; *Concepção identitária* – inclui indicadores que permitem clarificar a identidade dos cuidados de enfermagem.

Assim, através da análise das diferentes concepções de enfermagem, verifica-se uma maior valorização da concepção psicossocial por parte dos alunos do 3º ano. Em contrapartida são os alunos do 1º ano a valorizarem mais a concepção técnico/prática.

As opiniões relativamente à concepção histórica da profissão, são divergentes, havendo no entanto consenso em algumas delas. A “concordância” quanto à exigência de vocação para o exercício da profissão é significativamente maior no grupo do 1º ano (84,62% contra 56,10%). Pelo contrário, a enfermagem é considerada; trabalhosa e desgastante por um número menor de alunos do 1º ano (68,13% contra 81,71%). Ambos os grupos “discordam” de que a enfermagem é uma profissão fácil e acessível (69,23% no 1º ano e 71,95% no 3ºano).

As divergências quanto à concepção identitária são notórias. É significativamente maior o número de alunos do 1º ano a atribuírem reconhecimento social à profissão (48,35% contra 21,95%). A “discordância” quanto à autonomia da profissão também se sobrepõe à “concordância”, nos dois grupos. Quanto à dependência da profissão do poder médico, as opiniões dos alunos do 1º ano dividem-se, não atingindo a maioria em nenhum nível. Em contrapartida, mais de 50% dos alunos do 3º ano “discordam” dessa dependência (51,22%).

Analisámos a importância atribuída às diversas funções dos enfermeiros através das diferentes actividades decorrentes do conteúdo funcional do Decreto-Lei nº 437/91, que aprova o regime legal da carreira de enfermagem e do Decreto-Lei nº 161/96, de 4 de Setembro, que regulamenta o exercício profissional dos enfermeiros (REPE). Importa conhecer através do nosso estudo o posicionamento dos inquiridos relativamente a cada uma das funções apresentadas, pedindo-lhe para numa escala de cinco níveis (1 – nada importante a 5 – muito importante) se situarem quanto ao grau de importância que atribuem a cada função, no sentido de podermos analisar a valorização dominante que têm da profissão nas diferentes áreas de actuação dos enfermeiros: correspondentes designadamente à prestação de cuidados, subdividida por sua vez, em funções autónomas e funções interdependentes; gestão, assessoria técnica e docência.

Constata-se que é muito elevada a importância atribuída pelos dois grupos às funções autónomas ou independentes. As valorizações mais significativas atribuídas pelos alunos do 3º ano reportam-se às questões “*planeia acções de educação para a saúde*” (61,54% no 1º ano e 90,24% no 3º ano), “*identifica áreas que podem ser alvo de investigação*” (56,04% no 1º ano e 84,15% no 3º) e “*prepara o doente/família para o internamento e para a alta*” (79,12% no 1º ano e 95,12% no 3º ano). A maior valorização das funções autónomas por parte dos alunos do 3º ano, nomeadamente das funções preventivas, de investigação e de promoção para a saúde, pode significar uma mudança positiva, no sentido de uma revalorização profissional.

Relativamente às funções interdependentes, a convergência de respostas é enorme. Efectivamente a valorização destas funções é muito elevada, pelos dois grupos, uma vez que a maioria das respostas atinge nos níveis “importante” e “muito importante” valores muito próximos ou superiores a 90%.

A importância atribuída às funções de gestão, assessoria e docência é positiva. São no entanto os alunos do 3º ano a valorizarem-nas de forma mais significativa.

Consensuais são as opiniões dos inquiridos no sentido da necessidade de um aprofundamento da vertente humana e relacional na formação dos enfermeiros (Gráfico 2). Os alunos do 3º ano atribuem maior importância à vertente teórico/científica e menor importância à vertente técnica, apesar de ser a segunda vertente mais valorizada pelos dois grupos.

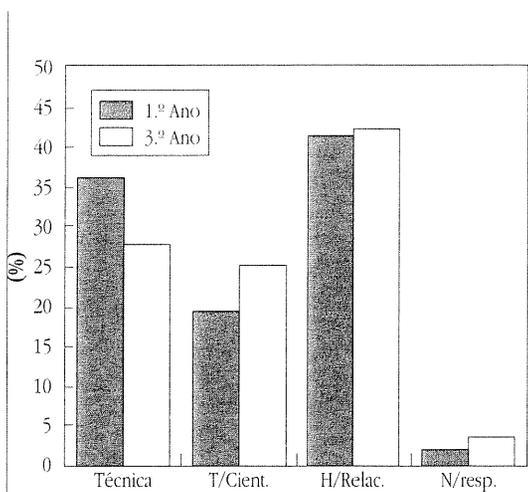


Gráfico 2 – Vertente mais aprofundada na formação dos enfermeiros.

O Quadro 1 mostra-nos que trabalhar em complementaridade com os vários elementos da equipa de saúde é para os alunos dos dois grupos o aspecto mais valorizado na prestação de cuidados (78,02% no 1º ano; 75,61% no 3º ano). Divergentes são as opiniões dos dois grupos quanto à importância de ser autónomo. A divergência de opiniões pode significar que a vivência prática dos alunos do 3º ano permite-lhes concluir que para trabalhar em equipa é necessário ter autonomia.

Quadro 1 – Aspectos mais importantes na prestação de cuidados.

Importância	1º Ano (n=91)			3º Ano (n=82)		
	1	2	3	1	2	3
Ser criativo e inovador	16 17,58	64 70,33	11 12,09	11 13,41	48 58,54	23 28,04
Ser autónomo	7 7,69	13 14,29	71 78,02	51 62,20	20 24,39	11 13,41
Trabalhar em equipa	71 78,02	12 13,19	8 8,79	62 75,61	12 14,63	8 9,75

De 1 (mais importante) a 3 (menos importante).

A *dedicação*, seguida do *respeito pela pessoa e das capacidades relacionais* são, na opinião dos alunos do 1º ano, três atributos e atitudes fundamentais ao enfermeiro. Os alunos do 3º ano valorizam em primeiro lugar a *sólida formação teórico/científica*, seguida do *respeito pela pessoa e da competência/segurança*. Os dados assim expressos pelos alunos em final de curso sugerem que para haver um desempenho profissional competente, aliado ao aspecto relacional e humano que a profissão requer, tem que haver um suporte teórico e científico.

Em termos de aspirações e de expectativas futuras, verificámos por parte dos alunos do 3º ano uma maior identificação com a profissão, fruto da formação teórica que adquiriram ao longo do curso e da experiência que os estágios lhes proporcionaram. Foram, aliás, os estágios (75,61%) as situações de aprendizagem ocorridas durante o percurso formativo que influenciaram significativamente estes alunos na construção da concepção que actualmente possuem acerca da enfermagem, o que revela a utilidade do saber instituído na prática. A formação teórica é descrita como a primeira situação de aprendizagem que terá ajudado a construir uma imagem mental da profissão. Contudo, sentem que existe um desajuste entre o que é transmitido no contexto escolar e o que é observado nos campos de estágio. Daí que o contacto com os enfermeiros dos serviços tenha influenciado significativamente (43,90%) estes alunos, uma vez que são vistos como modelos de referência, perfeitamente ajustados às instituições de saúde.

As principais alterações sugeridas pelos mesmos alunos, relativamente à estrutura do plano de estudos, dizem respeito ao currículo escolar. Aparecem a este respeito sugestões muito concretas, tais como: o curso de enfermagem é muito intensivo, devia aumentar para quatro anos (este aumento temporal está contemplado no plano de estudos da licenciatura em enfermagem). Preconizam ainda o aumento do número de aulas teórico/práticas, para diminuir as dificuldades no início dos estágios, bem como o alargamento dos períodos de estágio.

Aumentar a permanência dos docentes de enfermagem nos campos de estágio, no sentido de colmatar o desfazamento entre teoria e prática, é outra das sugestões apontadas.

A clara preferência por metodologias activas na formação teórica e na formação decorrente dos estágios, bem como um melhor relacionamento com os alunos por parte dos professores são ainda sugestões de mudança apresentadas.

## Conclusões e sugestões

As principais conclusões postas em evidencia por este trabalho permitem-nos dizer que é cada vez maior o número de alunos a fazerem do curso de enfermagem a sua primeira escolha, sendo essa escolha motivada por dois sentimentos: o gosto de ajudar os outros e o gosto pessoal pela profissão.

Relativamente ao impacto do curso no que diz respeito à expressão das diferentes concepções de enfermagem constatam-se, entre os alunos dos dois grupos, diferenças que, não sendo muito significativas em termos percentuais, traduzem a nosso ver uma evolução favorável decorrente da formação adquirida. A grande excepção vai para a concepção identitária, que à luz destes resultados continua a ser uma questão problemática e ambígua.

Questionamo-nos por que motivo os alunos de ambos os grupos, e especialmente os do 3º ano, não consideram a enfermagem uma profissão autónoma e reconhecida socialmente, atendendo a que esta imagem emerge, não de uma representação

socialmente partilhada, mas de um percurso formativo teórico e prático a que estiveram sujeitos, durante três anos.

Uma reflexão crítica sobre estes dados suscita algumas questões: – Estará o actual ensino de enfermagem a cumprir os objectivos a que se propõe? Ou, será que os constrangimentos das instituições onde os alunos desenvolvem a sua formação prática continua a condicionar a concretização desses mesmos objectivos? E, se isso acontece, por que motivo as Escolas não são capazes de estabelecer um modelo de coerência entre o que preconizam em sala de aula e o que aplicam nos estágios?

O facto de encerrarmos esta pesquisa com algumas dúvidas permite-nos fazer algumas sugestões que julgamos pertinentes.

- Defendemos a construção de programas formativos em parceria institucional (escolas, hospitais, centros de saúde), para que o saber possa ser construído pelos estudantes, através de um conhecimento articulado entre formação teórica e vivências práticas.
- Parece-nos importante que as escolas façam uma reflexão sobre a imagem profissional que pretendem transmitir aos alunos. A orientação para os cuidados deve continuar a colocar a tónica no aspecto relacional e nas intervenções autónomas, contudo, parece-nos também importante acompanhar os avanços tecnológicos, manter as competências técnicas actualizadas e, sobretudo, ter capacidade de afirmação nas equipas de saúde.

## Bibliografia

- ABRIC, Jean-Claude – *Pratiques sociales et représentations*. Paris: P.U.F., 1994.
- BARDIN, L. – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BENAVENTE, Ana – *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

- BENTO, M<sup>a</sup> C. – *Cuidados e formação em enfermagem, que identidade?* Lisboa: Fim de Século, 1997.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. – *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CANÁRIO, R. – Formação e mudança no campo da saúde. In CANÁRIO (Org.) - *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, 1997.
- COLLIÈRE, M. F. – *Promover a vida*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989.
- DUBAR, Claude – *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Colin, 1991.
- ERIKSON, E. – *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. – *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- GILLY, M. – Les représentations sociales dans les champ éducatif. In JODELET - *Les Représentation Sociales*, 3<sup>a</sup> Edition. Paris: P.U.F., 1993.
- GUIMELLI, C. – La fonction d’infirmière, pratiques et représentations sociales. In ABRIC – *Pratiques sociales et représentations*. Paris: P.U.F., 1994.
- JODELET, D. – Les représentations sociales: un domaine en expansion. In JODELET – *Les représentations sociales*, 3<sup>a</sup> Edition. Paris, P.U.F., 1993.
- LOPES, N. G. A. – *A recomposição dos saberes, ideologias e identidades de enfermagem. Estudo social em contexto hospitalar*, Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE, 1994.
- LOPES, P. – Formação em enfermagem e cidadania. *Enfermagem em foco*, sep (26), (Fev./Abril de 1997). pp. 37-42
- MARTIN, C. – *Soigner pour apprendre: acquérir un savoir infirmier*. Paris: Editions L.E.P., 1991.
- MOSCOVICI, S. – *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F., 1961.
- MOSCOVICI, S. – Des représentations collectives aux représentations sociales. In JODELET – *Les Représentation Sociales*, 3<sup>a</sup> Edition. Paris: P.U.F., 1993.
- SEMIN, G. – Prototypes et représentations sociales. In JODELET – *Les représentations sociales*, 3<sup>a</sup> Édition. Paris: P.U.F., 1993.
- VALA, Jorge – Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. In VALA; MONTEIRO – *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.